

# O QUARTO PATO



Índigo

## SINOPSE

Fazendo uma releitura de *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen, *O quarto pato* explora, de forma bem-humorada, a questão da busca da identidade. Desde o nascimento, Raul enfrenta dificuldades e a resistência da família por ser diferente. Quando as exigências para que assuma a identidade de pato se tornam insuportáveis, Raul foge de casa e segue sem rumo em busca de uma outra forma de vida, que ele mesmo ainda não sabe qual é. No caminho, encontra uma perdiz que tem algo para lhe dizer sobre sua verdadeira identidade. Porém, antes que revele o que sabe, a perdiz morre com um tiro de um caçador. Durante dias caminhando, Raul estava com muita fome. Quando enfim encontra comida, vive uma experiência muito significativa, que acaba por revelar quem ele realmente é.

## PALAVRAS DO AUTOR

Comecei minha trajetória na literatura em 2001 com o livro *Saga animal*. Desde então escrevi mais de dez livros, muitos deles com personagens animais, como *Um dálmata descontrolado* e *Cobras em compota*, que foi vencedor do I Concurso Literatura para Todos, do Ministério da Educação. Algo que me interessa muitíssimo são as fábulas. Em *O livro das cartas encantadas*, eu inventei uma correspondência entre Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida. Agora, em *O quarto pato*, pude juntar o formato de fábula com meu tipo favorito de personagem! Quack quack!

## FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Guazzelli  
Formato: 18 x 26 cm  
Número de páginas: 32  
Coleção: *Confabulando*  
ISBN: 978-85-7472-912-1  
Indicação: A partir de 9 anos

# O QUARTO PATO



Índigo

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

*Parâmetros Curriculares Nacionais*

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

# O QUARTO PATO



Índigo

## FORMAÇÃO DO LEITOR

### PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

# O QUARTO PATO



Índigo

## EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira

# O QUARTO PATO



Índigo

pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

# O QUARTO PATO



Índigo

## EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

# O QUARTO PATO



Índigo

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.  
O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.
- ◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.  
Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.
- ◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: \_\_\_\_\_. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.  
Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.
- ◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.  
De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).
- ◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.  
O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

# O QUARTO PATO



Índigo

## PROPOSTA DE TRABALHO

### ANTES DA LEITURA

1. Lembre os alunos de que a *Coleção Confabulando* apresenta fábulas contemporâneas, ou seja, textos clássicos transpostos para a realidade dos nossos dias. Explique a eles que a fábula é uma narrativa curta, que apresenta, via de regra, uma moralidade ao final: essa moralidade, em última análise, é um provérbio, uma máxima reveladora de uma visão de mundo estática, que expressa o senso comum. De modo geral, os personagens são animais que assumem comportamentos humanos, revelando questões relacionadas às relações éticas, políticas ou de comportamento.
2. Apresente o livro aos alunos e explore as imagens da capa, bem como o título. Incentive-os a imaginar quem seria este quarto pato. É um pato que está em quarto lugar? Diga que a obra é uma releitura da história “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen. Relembre, brevemente, a história com os alunos, questionando-os a respeito do que sabem sobre o texto.

### DURANTE A LEITURA

1. Levante questões que facilitem a interpretação do texto. Em que local se passa a história? Como era o Sítio Primavera? Observe com os alunos a ilustração das p. 4-5: o que ela sugere a respeito desse local?
2. Questione a turma sobre o começo da história: que evento acontece envolvendo D. Jandira e Doutor Jânio? Como foi o nascimento dos filhotes? Os três primeiros eram patos comuns, iguais aos outros da espécie. O quarto ovo, porém, não rachava. Quando rachou, quem saiu da casca? Como ele foi recebido pelos pais? Leve os alunos a notarem a forma como o tempo/clima é descrito no nascimento dos três primeiros filhotes e no nascimento do quarto. Explore com eles esta estratégia na construção da narrativa, que prenuncia o conflito que virá na sequência. O tempo vira: o sol cede lugar a um céu carregado. A narrativa também revela uma mudança, algo inusitado acontece.
3. Quais eram os sinais de que Raul era realmente diferente? Qual foi a sua reação quando o pai quis lhe ensinar a nadar? Que atitude tiveram seus irmãos ao vê-lo tão desesperado na água? Converse com os leitores sobre o comportamento dos três patinhos que estavam brincando à vontade no lago. Qual a opinião do grupo sobre a forma como os irmãos trataram Raul? Neste momento inicial, deixe-os manifestar suas opiniões, sem estabelecer juízos de valor para não cercear a leitura. Embora se possa dizer que eles foram cruéis com seu irmão, alguns alunos podem afirmar que aquilo era só brincadeira, que os patinhos eram jovens, não tinham noção da consequência de seus atos, etc.
4. Por que Raul fugiu? Afinal, que bicho era ele? “Sem pai nem mãe para lhe ensinar as coisas da vida, Raul passou a seguir seus instintos”. Discuta com os alunos sobre os sentimentos e as experiências vividas por ele até descobrir sua verdadeira identidade. O que significa “seguir seus instintos”?

# O QUARTO PATO



Índigo

5. Faça questionamentos para explorar o desenrolar do suspense na narrativa. Além de não gostar de água (pode-se inclusive discutir o sonho aterrorizante que ele tem, p. 19), que outros indícios sugerem que ele não era mesmo um pato? Peça aos alunos que encontrem trechos do texto para demonstrar isso. Outro aspecto de manutenção do suspense é a ilustração: é possível enxergar nas imagens que tipo de animal era Raul? Mencione também a fala da perdiz, que anuncia a revelação da identidade e, de repente, *ploft*, cai morta! Ao lerem essa passagem do texto, que reação os leitores tiveram? Eles acharam que naquele momento o suspense seria desfeito?

6. Ao final, como Raul se descobre “urubu”? O que acontece para que ele tenha esta certeza de sua identidade? Resgate com os alunos a trajetória do personagem, que ao longo da narrativa se sente estranho e não compreende muito bem suas atitudes, e questione o final: como ele se sente ao constatar que não era um patinho branquinho e sorridente, mas sim, um urubu? O que ele finalmente percebe ao encontrar os seus? Qual é a mensagem transmitida pelo livro?

## DEPOIS DA LEITURA

1. Muitos contos tradicionais são recriados por escritores contemporâneos com modificações que nos fazem pensar a mesma história sob outros aspectos.

Para que os alunos comparem *O quarto pato*, da escritora Índigo, com a versão original de Hans Christian Andersen, sugere-se a leitura de *O Patinho Feio* no livro *Contos de Andersen*.

Assim como o Patinho Feio de Andersen, Raul, personagem da obra *O quarto pato*, foi o quarto de uma ninhada de patos e também era motivo de estranhamento e de chacotas.

Na história de Andersen, o pato se descobre um belo cisne, uma ave à qual se atribui um grau de nobreza e muita beleza. Já na história de Índigo, o pato se descobre um urubu, considerado um animal feio e sujo por se alimentar de restos de bichos mortos. Essa oposição entre o urubu e o cisne nos faz pensar a respeito das significações dadas não apenas a esses animais, mas também aos valores que atribuímos àquilo que é diferente.

Aproveite a ideia para conversar com os alunos sobre diversidade étnica e social: existem critérios para estabelecer o que é bonito e o que é feio? Na visão dos leitores, descobrir-se cisne ou descobrir-se urubu faz diferença ou não? É melhor ou pior? Incentive-os a refletir sobre esta questão e a expressar suas opiniões, ressaltando a questão da autoaceitação: Raul se dá conta de sua verdadeira identidade, junta-se aos seus e parte com eles, sugerindo que se aceita como tal.

2. A vergonha da diferença fez com que Raul, o urubu, deixasse o lugar em que morava, assim como o Patinho Feio, de Andersen. A fuga, em ambos os casos, trouxe uma possibilidade de se esconderem dos olhares que os condenavam.

Rorbeto, personagem da obra *Um garoto chamado Rorbeto*, de Gabriel, o Pensador, tem um nome estranho, gerado a partir de um equívoco do médico que o escreveu, a pedido do pai, que era analfabeto. Um dia, descobre que tem seis dedos na mão direita. Com muita vergonha, só sai de casa com a mão escondida dentro de uma sacola. Porém, quando aprende a escrever, é justamente com a mão direita que faz a letra mais bonita da sala. Os colegas, com

# O QUARTO PATO



Índigo

a intenção de terem letra bonita, também passam a ir à escola com a mão enfiada numa sacola. Rorbeto lhes conta que a sacola era para esconder a mão e não tinha nada a ver com sua letra. Por fim, o que era motivo de vergonha passa a ser o motivo de orgulho, invejado até pelos colegas, que justificam que, com seis dedos, é mais fácil fazer letra bonita.

Ao fim da história, um trecho bastante comovente: Rorbeto, já grande, ensina o pai a ler e escrever. Percebendo o equívoco cometido ao registrar o filho, o pai lhe pede desculpas. Rorbeto, porém, de modo muito singelo, mostra ao pai que ele não tem motivo para se desculpar, momento em que se percebem a aceitação e o reconhecimento da diferença como algo que não é ruim.

Gabriel escreve todo o livro em versos bem-rimados, dando bastante musicalidade à obra. De formas diferentes, ambas as histórias retratam outros modos de encarar o que, muitas vezes, é considerado feio ou vergonhoso.

3. Ao final da leitura de *O quarto pato*, o professor pode propor aos alunos que leiam *Flicts*, de Ziraldo. Esse livro fala sobre uma cor rara que procura o seu lugar no mundo. Flicts busca um local para se instalar, um amigo e um suporte para espalhar seu tom. Solitária e rejeitada pelas tonalidades espalhadas por todos os cantos do mundo, e, por mais diferente que se sinta, a rara Flicts encontra seu lugar, ainda que bem distante do mundo das cores mais conhecidas.

Ambas as obras podem oportunizar ao grupo um momento de autoconhecimento e de identificação com a situação vivenciada pelos personagens e o sentimento de exclusão. Quem nunca se sentiu como Raul? Quem nunca se sentiu deslocado no grupo de colegas ou na própria família? A questão importante é nos descobrirmos e conhecermos tanto nossas qualidades quanto nossos defeitos. É fundamental observarmos o que está ao nosso redor e percebermos que cada pessoa possui suas características e individualidades, que devem ser respeitadas. Aceitando as diferenças, torna-se mais fácil enfrentar as dificuldades.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gabriela Szabô, Gilmar Falk Ferreira Brunetto, Jardel Pelissari Machado, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio